

O
segredo do
meu
marido

Liane Moriarty

O
segredo do
meu
marido

TRADUÇÃO DE
Rachel Agavino



Copyright © Liane Moriarty, 2013

TÍTULO ORIGINAL

The Husband's Secret

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M849s

Moriarty, Liane, 1966-

O segredo do meu marido / Liane Moriarty ; tradução Rachel Agavino. -
[1. ed.] - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: The husband's secret

ISBN 978-85-8057-479-1

1. Romance australiano. I. Agavino, Rachel. II. Título.

14-08294

CDD: 828.99343

CDU: 821.111(94)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Adam, George e Anna.

E para Amelia.

Errar é humano; perdoar é divino.

ALEXANDER POPE

Pobre, pobre Pandora. Zeus a envia para se casar com Epitemeu, um homem não muito inteligente que ela nunca viu, e que tem um misterioso jarro tampado. Ninguém diz a Pandora uma palavra sobre o jarro. Ninguém diz a ela para não abri-lo. Naturalmente, ela o abre. O que mais poderia fazer? Como ela deveria saber que todos aqueles males terríveis se derramariam para atormentar a humanidade até o fim dos tempos, e a única coisa que restaria no jarro seria a esperança? Por que não havia um selo de advertência?

Então todo mundo fica dizendo: Ah, Pandora, onde está sua força de vontade? Disseram-lhe para não abrir a caixa, sua bisbilhoteira, sua mulher típica, com uma curiosidade insaciável; agora veja só o que você fez. Quando, para começar, era um jarro, não uma caixa e, além disso — quantas vezes ela teria que repetir? —, ninguém disse uma palavra sobre não abri-lo!

UM

SEGUNDA-FEIRA

Foi tudo por causa do Muro de Berlim.

Se não fosse o Muro de Berlim, Cecilia nunca teria encontrado a carta, e então não estaria sentada ali, à mesa da cozinha, tentando convencer a si mesma a não abri-la com um rasgo.

O envelope estava cinza por causa de uma fina camada de poeira. As palavras na frente haviam sido escritas com uma caneta esferográfica de um azul berrante, a caligrafia tão familiar quanto a dela própria. Ela virou o envelope. Estava lacrado com um pedaço de fita adesiva amarelada. Quando a carta tinha sido escrita? Parecia velha, como se tivesse sido anos antes, mas não havia como saber ao certo.

Ela não iria abri-la. Estava bastante claro que não deveria fazer isso. Ela era a pessoa mais determinada que conhecia, e já decidira que não abriria a carta, então não havia mais por que pensar no assunto.

Embora, honestamente, se ela a abrisse, que problema haveria nisso? Qualquer mulher abriria a carta na mesma hora. Listou todas as suas amigas

e o que diriam se ligasse para elas naquele exato momento e perguntasse o que achavam.

Miriam Oppenheimer: *Sim. Abra.*

Erica Edgecliff: *Você está brincando? Abra agora mesmo.*

Laura Marks: *Sim, você deveria abri-la e depois lê-la para mim.*

Sarah Sacks...

Não tinha sentido perguntar a Sarah, pois ela era incapaz de tomar uma decisão. Se Cecilia perguntasse a Sarah se queria chá ou café, ela ficaria sentada por um minuto inteiro, a testa franzida enquanto penava pensando os prós e contras de cada bebida, antes de, por fim, dizer: “Café! Não, espere, chá!” Uma decisão como aquela a faria ter um colapso.

Mahalia Ramachandran: *Claro que não. Seria um completo desrespeito ao seu marido. Você não deve abri-la.*

Mahalia às vezes podia ser um pouco confiante demais, com aqueles olhos castanhos enormes e éticos.

Cecilia deixou a carta na mesa da cozinha e foi ligar a chaleira.

Malditos Muro de Berlim, Guerra Fria e quem quer que estivesse lá em mil novecentos e quarenta e sei lá quanto ruminando sobre o que fazer com aqueles alemães ingratos; o cara que de repente estalou os dedos e disse: “Ok, já sei! Vamos construir uma droga de um muro enorme e deixar os vagabundos do lado de dentro!”

Provavelmente não deve ter soado como um sargento-mor britânico.

Esther saberia de quem foi a ideia de construir o Muro de Berlim. Era provável que ela soubesse até a data de nascimento do sujeito. Deve ter sido um homem, claro. Só um homem poderia ter uma ideia tão cruel, tão essencialmente estúpida e de uma eficiência tão brutal.

Será que isso era sexista?

Ela encheu a chaleira, ligou-a e, com um papel-toalha, secou as gotinhas d’água na pia, para que ficasse brilhando.

Uma das mães da escola, que tinha três filhos com quase exatamente a mesma idade das três filhas de Cecilia, dissera que um de seus comentários fora “um tantinho sexista”, logo antes de elas começarem a reunião do Comitê de Festas na última semana. Cecilia não se lembrava do que dissera, mas tinha sido só

uma brincadeira. De todo modo, as mulheres não estavam autorizadas a serem sexistas pelos próximos dois mil anos, mais ou menos, até igualem o placar?

Talvez ela fosse sexista.

A chaleira apitou. Cecília mergulhou um saquinho de chá Earl Grey e observou as espirais pretas se espalharem pela água como tinta. Havia coisas piores do que ser sexista. Por exemplo, você poderia ser o tipo de pessoa que encosta as pontas dos dedos indicador e polegar quando fala “um tantinho”.

Ela olhou para o chá e suspirou. Uma taça de vinho cairia bem naquele momento, mas ela havia parado de beber álcool para a Quaresma. Faltavam apenas seis dias. Tinha uma garrafa cara de Shiraz pronta para ser aberta no domingo de Páscoa, quando trinta e cinco adultos e vinte e três crianças viriam para o almoço, então ela precisaria do vinho. Embora, é claro, tivesse experiência com essas recepções. Era Cecília que recebia as pessoas na Páscoa, no Dia das Mães, no Dia dos Pais e no Natal. John-Paul tinha cinco irmãos mais novos, todos casados e com filhos. O que constituía uma pequena multidão. O segredo era o planejamento. Um planejamento meticuloso.

Ela pegou o chá e o levou para a mesa. Por que mesmo tinha parado de tomar vinho para a Quaresma? Polly fora mais sensata. Tinha abandonado a geleia de morango. Cecília nunca vira Polly demonstrar mais do que um pequeno interesse por geleia de morango, embora depois da promessa, é claro, sempre a pegasse na frente da geladeira, olhando com desejo para o pote. O poder da proibição.

— Esther! — gritou ela.

Esther estava no cômodo ao lado com as irmãs, assistindo a *The Biggest Loser* enquanto dividiam um pacote gigante de batatas chips sabor sal e vinagre, que tinha sobrado do churrasco em comemoração ao Dia da Austrália, meses antes. Cecília não sabia por que suas três filhas magras adoravam ver pessoas acima do peso suarem, gritarem e morrerem de fome. Aquilo não parecia ensinar a elas hábitos alimentares saudáveis. Ela deveria ir lá e confiscar o pacote de batatas, só que as três tinham comido salmão e brócolis ao vapor no jantar sem reclamar, e ela não tinha forças para encarar uma discussão.

Ela ouviu alguém vociferar na televisão: “Sem sacrifício não há resultado!”

Não era uma afirmativa tão ruim para suas filhas escutarem. Cecília sabia disso melhor do que ninguém! Ainda assim, não gostava das expressões de nojo

no jovem rosto das meninas. Ela tomava sempre muito cuidado para não fazer comentários negativos sobre sua forma física na frente das filhas, embora não pudesse dizer o mesmo de suas amigas. Outro dia mesmo Miriam Oppenheimer dissera, alto o bastante para suas filhas impressionáveis ouvirem: “Meu Deus! Vejam só a minha barriga!”, e apertou a carne entre os dedos como se fosse algo desprezível. Ótimo, Miriam, como se nossas filhas já não recebessem um milhão de mensagens todos os dias dizendo a elas para odiarem seus corpos.

Na verdade, a barriga de Miriam *estava* mesmo ficando um pouco saliente.

— Esther! — gritou ela de novo.

— O que foi? — Esther berrou de volta, com uma voz paciente de quem se sente explorado que Cecília desconfiou ser uma imitação inconsciente da sua própria.

— Quem teve a ideia de construir o Muro de Berlim?

— Bem, eles têm quase certeza de que foi Nikita Khrushchev! — respondeu Esther imediatamente, pronunciando o nome de som exótico com grande contentamento e com sua interpretação peculiar de sotaque russo. — Ele era, tipo, o primeiro-ministro da Rússia, só que o chamavam de premier. Mas pode ter sido...

As irmãs reagiram na mesma hora, com sua educação impecável de costume.

— Cala a boca, Esther!

— Esther! Não consigo *ouvir a televisão!*

— Obrigada, querida!

Cecília deu um gole no chá e se imaginou voltando no tempo e botando o tal Khrushchev no devido lugar.

Não, Sr. Khrushchev, o senhor não pode ter um muro. Isso não vai provar que o comunismo funciona. Isso não vai dar certo. Agora, veja, não concordo que o capitalismo seja essa maravilha toda! Deixe-me mostrar ao senhor a última fatura do meu cartão de crédito. Mas o senhor realmente precisa pensar melhor.

E então, cinquenta anos depois, Cecília não teria encontrado aquela carta que a fazia se sentir tão... Qual era a palavra?

Dispersa. Era isso.

Ela gostava de se sentir focada. Tinha orgulho de sua capacidade de concentração. Seu dia a dia era preenchido por mil pecinhas minúsculas — “Preciso comprar coentro”; “Cortar o cabelo da Isabel”; “Quem vai ficar com Polly no

balé terça-feira enquanto levo Esther à fonoaudióloga?” —, como um daqueles terríveis quebra-cabeças gigantes que Isabel passava horas montando. E Cecilia, que não tinha paciência alguma para quebra-cabeças, sabia exatamente onde ficava cada pecinha da sua vida e qual deveria ser encaixada depois.

E, ok, talvez a vida que Cecilia levava não fosse tão incomum ou impressionante. Ela era uma mãe que levava as filhas para a escola e uma consultora de meio expediente da Tupperware, não uma atriz, uma atuária ou uma... poetisa morando em Vermont. (Recentemente, Cecilia descobrira que Liz Brogan, com quem estudara no ensino médio, se tornara uma poetisa premiada que morava em Vermont. Liz, que comia sanduíches de queijo com Vegemite e sempre perdia o bilhete do ônibus. Cecilia precisou de todo o seu considerável autocontrole para não achar aquilo irritante. Não que ela quisesse escrever poesia. Mas mesmo assim. Seria de se imaginar que, se alguém fosse levar uma vida comum, esse alguém era Liz Brogan.) É claro que Cecilia nunca havia aspirado a nada diferente do comum. *Aqui estou eu, uma típica mãe de classe média*, às vezes ela se pegava pensando, como se alguém a tivesse acusado de ter se impedido de ser alguma outra coisa, algo maior que isso.

As outras mães falavam que se sentiam sobrecarregadas e sobre a dificuldade de se concentrar em uma única coisa, e sempre diziam: “Como você consegue fazer tudo isso, Cecilia?”, mas ela não sabia que resposta dar. Na verdade, não entendia o que elas achavam tão difícil.

Mas agora, por algum motivo, tudo parecia estar em risco. Não fazia sentido.

Talvez não tivesse nada a ver com a carta. Talvez fossem os hormônios. Ela estava “possivelmente na pré-menopausa”, segundo o Dr. McArthur. (“Ah, não estou, *não!*”, reagira Cecilia de forma automática, como se respondesse a uma provocação gentil, uma piada.)

Talvez fosse um caso daquela vaga ansiedade que algumas mulheres experimentavam. *Outras* mulheres. Ela sempre considerara pessoas ansiosas fofas. Pobres pessoas ansiosas que nem Sarah Sacks. Ela tinha vontade de afagar suas cabeças cheias de preocupações.

Talvez se ela abrisse a carta e visse que não era nada, voltasse a ter tudo em foco. Tinha coisas a fazer. Duas cestas de roupa lavada para dobrar. Três telefonemas urgentes para dar. Bolinhos sem glúten para assar para os membros do

Grupo do Projeto do Site da Escola intolerantes a glúten (i.e., Janine Davidson), que se reuniria no dia seguinte.

Havia outras coisas além da carta que poderiam estar deixando Cecilia ansiosa.

A questão do sexo, por exemplo. Isso estava sempre na cabeça dela, bem no fundo.

Ela franziu a testa e deslizou as mãos pelas laterais da cintura. Pelos “músculos oblíquos”, de acordo com seu professor de pilates. Ah, veja bem, a questão do sexo não era *nada*. Não estava de verdade na sua cabeça. Ela se recusava a permitir que estivesse. Era irrelevante.

Talvez fosse verdade que desde aquela manhã no ano passado ela tinha ganhado consciência de um latente senso de fragilidade, uma nova compreensão de que sua vida de coentro e lavanderia poderia ser roubada num instante, que sua normalidade poderia desaparecer, e de repente você seria uma mulher de joelhos, com o rosto erguido para o céu, e algumas outras mulheres correriam para lhe ajudar, mas outras já estariam lhe dando as costas, com as palavras não articuladas, mas sentidas: *Não deixe que isso me atinja*.

Cecilia viu aquilo de novo, pela milésima vez: o pequeno Homem-Aranha voando. Ela foi uma das mulheres que correram. Bem, claro que foi, escancarando a porta do carro, mesmo sabendo que nada do que fizesse poderia resultar em qualquer diferença. Não era a sua escola, sua vizinhança, sua paróquia. Nenhuma de suas filhas jamais brincara com o menininho. Ela nunca tomara café com a mulher de joelhos. Estava apenas parada no sinal do outro lado do cruzamento quando aquilo aconteceu. Um garotinho, com cerca de cinco anos, vestindo um macacão do Homem-Aranha, azul e vermelho, esperava ao lado da rua, segurando a mão da mãe. Era a Semana do Livro. Por isso o garotinho estava fantasiado. Cecilia olhava para ele, pensando *Humm, na verdade o Homem-Aranha não é um personagem de livro*, quando, sem que pudesse perceber um motivo, ele soltou a mão da mãe e deu um passo para fora da calçada, no meio do tráfego. Cecilia gritou. Por instinto, lembrou depois, tinha metido a mão na buzina.

Se Cecilia tivesse passado por ali apenas alguns minutos depois não teria visto aquela cena. Dez minutos depois e a morte do garotinho não significaria para ela nada além de outro acidente de trânsito. Agora, era uma lembrança que

um dia provavelmente faria seus netos dizerem: “Não aperte minha mão com tanta *força*, vovó.”

É claro que não havia ligação alguma entre o pequeno Homem-Aranha e aquela carta.

Ele apenas lhe vinha à mente em momentos estranhos.

Cecilia empurrou a carta em cima da mesa com a ponta do dedo e alcançou o livro que Esther pegara na biblioteca: *A ascensão e a queda do Muro de Berlim*.

Então, o Muro de Berlim. Maravilha.

Só soubera que o Muro de Berlim se tornaria uma parte importante da sua vida naquele dia, no café da manhã.

Apenas Cecilia e Esther estavam sentadas à mesa da cozinha. John-Paul estava viajando, ficaria em Chicago até sexta, e Isabel e Polly ainda dormiam.

Normalmente, Cecilia não se sentava de manhã. Em geral, tomava café em pé junto à bancada, enquanto preparava a merenda que as meninas levavam para a escola, checava os pedidos de Tupperware no seu iPad, esvaziava o lava-louça, mandava mensagens para clientes sobre suas reuniões, qualquer coisa, mas aquela era uma rara oportunidade de ter algum tempo sozinha com sua estranha e querida filha do meio, então, enquanto Esther devorava uma tigela de cereais de arroz, ela se sentou com seus cereais Bircher e esperou.

Tinha aprendido isso com as filhas. Não dizer uma palavra. Não fazer perguntas. Dê a elas tempo suficiente que, no fim, acabam lhe contando o que têm na cabeça. Era como pescar. Era necessário silêncio e paciência. (Pelo menos foi o que ela ouviu dizer. Cecilia preferiria martelar pregos em sua testa a ir pescar.)

O silêncio não era algo fácil para ela. Cecilia era muito falante. “Sério, você consegue ficar de boca calada por um minuto?”, um ex-namorado lhe perguntara certa vez. Ela falava demais quando ficava nervosa. Esse ex-namorado devia deixá-la nervosa. Embora ela também falasse muito quando estava feliz.

Mas não disse nada naquela manhã. Apenas comeu, e esperou, e, como previa, Esther começou a falar.

— Mãe — começou ela, com sua vozinha rouca e precisa, ceceando um pouco. — Você sabia que algumas pessoas escaparam por cima do Muro de Berlim em balões de ar quente que elas mesmas fizeram?

— Eu não sabia disso — respondeu Cecilia, embora talvez soubesse.

Adeus, Titanic; olá, Muro de Berlim, pensou.

Ela teria preferido que Esther tivesse compartilhado algo que estivesse sentindo, suas preocupações com a escola, com os amigos, que perguntasse algo sobre sexo. Mas não, ela queria falar sobre o Muro de Berlim.

Desde os três anos Esther vinha desenvolvendo esses interesses ou, mais precisamente, essas obsessões. Primeiro foram os dinossauros. Claro que muitas crianças se interessam por dinossauros, mas a curiosidade de Esther era, para ser sincera, bastante exaustiva, e um pouco peculiar. Nada mais a interessava. Ela desenhava dinossauros, brincava com dinossauros, se fantasiava de dinossauro. “Não sou Esther”, dizia. “Sou um tiranossauro rex.” Todas as histórias antes de dormir tinham que ser sobre dinossauros. Todas as conversas tinham que ter alguma relação com eles. Por sorte, John-Paul demonstrava interesse, porque Cecilia ficava entediada em cerca de cinco minutos. (Eles estavam extintos! Não tinham nada a dizer!) John-Paul levava Esther a excursões especiais no museu. Chegava em casa com livros para ela. Passava horas sentado com a menina, conversando sobre herbívoros e carnívoros.

Desde então, os “interesses” de Esther abrangeram de montanhas-russas a sapos-cururus. O mais recente fora o *Titanic*. Agora que estava com dez anos, tinha idade suficiente para fazer suas próprias pesquisas na biblioteca e na internet, e Cecilia ficava impressionada com as informações que ela reunia. Que criança de dez anos ficava deitada na cama lendo livros de história tão grandes e volumosos que ela mal conseguia segurá-los?

“Incentive-a!”, diziam os professores, mas, às vezes, Cecilia ficava preocupada. Achava que talvez Esther fosse um pouco autista ou que estivesse pelo menos em algum ponto do espectro do autismo. A mãe de Cecilia rira quando ela mencionara sua preocupação. “Mas Esther é exatamente como você era!”, dissera ela. Não era verdade.

— Tenho um pedaço do Muro de Berlim — Cecilia contara a Esther naquela manhã, tendo se lembrado disso de repente, e fora gratificante ver os olhos da filha se iluminarem com interesse. — Eu estive na Alemanha, depois que o Muro caiu.

— Posso ver? — perguntou Esther.

— Você pode ficar com ele, querida.

Jóias e roupas para Isabel e Polly. Um pedaço do Muro de Berlim para Esther.

Cecilia, na época com vinte anos, fizera uma viagem de férias de seis semanas pela Europa com sua amiga Sarah Sacks, em 1990, apenas alguns meses após o anúncio de que o Muro seria derrubado. (A famosa indecisão de Sarah, combinada à conhecida determinação de Cecilia, as tornavam companheiras de viagem perfeitas. Não havia conflito de modo algum.)

Quando chegaram a Berlim, viram turistas enfileirados na frente do Muro, tentando tirar lascas dele (para guardar como recordação) usando chaves, pedras ou qualquer coisa que encontrassem. O Muro era como a carcaça gigante de um dragão que havia aterrorizado a cidade, e os turistas eram corvos bicando seu cadáver.

Sem as ferramentas apropriadas, era quase impossível tirar um bom pedaço, então Cecilia e Sarah decidiram (bem, foi Cecilia) comprar seus pedaços dos empreendedores locais que haviam estendido tapetes e estavam vendendo uma variedade de pedras. O capitalismo tinha mesmo triunfado. Era possível comprar qualquer coisa, desde lascas acinzentadas do tamanho de bolas de gude até blocos gigantes com pichações.

Cecilia não se lembrava de quanto pagara pela minúscula pedra cinza que poderia ter sido retirada do jardim de qualquer pessoa. “Provavelmente foi”, dissera Sarah naquela noite, quando elas pegaram o trem e deixaram Berlim, e as duas riram de sua ingenuidade, mas ao menos sentiam que tinham feito parte da história. Cecilia guardara sua lasca num saco de papel no qual escrevera “MEU PEDAÇO DO MURO DE BERLIM”, e quando voltou para a Austrália, jogou-o numa caixa com todas as outras lembranças que colecionara: descansos de copo, bilhetes de trem, cardápios, moedas estrangeiras, chaves de hotel.

Cecilia agora desejava ter se concentrado mais no Muro, tirado fotos, procurado saber de outros casos curiosos que poderia compartilhar com Esther. Na verdade, o que ela mais se lembrava da viagem a Berlim era de ter beijado um alemão bonito, de cabelo castanho, numa boate. Ele ficava tirando os cubos de gelo do drinque e os deslizava pela clavícula dela, o que na época parecera incrivelmente sexy, mas agora parecia anti-higiênico e desagradável.

Se ao menos ela tivesse sido o tipo de garota curiosa e com consciência política que conversava com os moradores locais sobre como fora viver à sombra do Muro. Em vez disso, tudo o que tinha para dividir com a filha eram histórias de beijos e cubos de gelo. É claro que Isabel e Polly iriam *amar* ouvi-la contar sobre os beijos e cubos de gelo. Ou Polly iria; talvez Isabel já tivesse chegado à idade em que imaginar a mãe beijando alguém fosse chocante.

Cecilia pôs *Encontrar o pedaço do Muro de Berlim para E* na sua lista de afazeres do dia (havia vinte e cinco itens — ela usava um aplicativo no iPhone para listá-los), e, por volta das duas da tarde, foi ao sótão procurá-lo.

“Sótão” provavelmente era uma palavra muito generosa para descrever a área usada como depósito no espaço abaixo do telhado. Chegava-se ali puxando uma escada de mão de um alçapão no teto.

Quando estava lá em cima, ela precisava manter os joelhos dobrados para não bater com a cabeça. John-Paul recusava-se terminantemente a ir lá em cima. Ele sofria de uma claustrofobia terrível e subia seis lances de escada todos os dias até o escritório para não ter que usar o elevador. O pobre coitado tinha pesadelos recorrentes em que estava preso numa sala cujas paredes se fechavam. “As paredes!”, gritava ele, e logo depois acordava, suado e de olhos arregalados. “Você acha que ficou trancado num armário quando criança?”, perguntara Cecilia certa vez (ela não duvidava de que a mãe dele fosse capaz de deixar isso acontecer), mas ele dissera que tinha quase certeza de que não. “Na verdade, John-Paul nunca teve pesadelos quando era pequeno”, contou a mãe dele a Cecilia quando ela lhe perguntara sobre isso. “Ele dormia *como um anjo*. Será que você não está dando uma comida muito pesada para ele à noite?” Cecilia acabou se acostumando com os pesadelos.

O sótão era pequeno e entulhado, mas limpo e bem organizado, é claro. Nos últimos anos, “organizada” parecia ter se tornado a principal característica de Cecilia. Era como se ela fosse uma subcelebridade famosa por esse único talento. Era engraçado notar que, quanto mais sua família e seus amigos implicavam com essa característica, mais ela se perpetuava, de forma que agora a vida de Cecilia era *extraordinariamente* bem organizada, como se a maternidade fosse um esporte e ela fosse uma atleta de ponta. Era como se ela pensasse: *Até onde posso levar isso? Quantas coisas mais consigo encaixar na minha vida sem perder o controle?*

E era por isso que outras pessoas, como sua irmã Bridget, tinham quartos cheios de tralhas empoeiradas, enquanto no sótão de Cecília havia caixas brancas de plástico claramente etiquetadas. A única parte que não parecia muito “Cecilianiana” era a torre de caixas de sapato no canto. Eram de John-Paul. Ele gostava de guardar os controles financeiros de cada ano em uma caixa de sapato diferente. Era algo que ele fazia havia anos, antes de conhecer Cecília. E tinha orgulho daquilo, então ela conseguira se controlar para não dizer a ele que um arquivo seria um modo muito mais eficiente de usar aquele espaço.

Graças a suas caixas rotuladas, ela encontrou o pedaço do Muro de Berlim quase de imediato. Abriu a tampa da caixa identificada como *Cecilia: lembranças de viagens. 1985-1990*, e lá estava ele, no saco de papel pardo desbotado. Seu pequeno pedaço da história. Ela pegou o pedaço de pedra (cimento?) e o segurou na palma da mão. Era ainda menor do que se lembrava. Não parecia especialmente impressionante, mas ela esperava que bastasse para que fosse recompensada com um dos raros e tortos sorrisinhos de Esther. Requeria um grande esforço arrancar um sorriso dela.

Então Cecília se permitiu uma pequena distração (sim, ela fazia muitas coisas todos os dias, mas não era uma *máquina*, e às vezes desperdiçava algum tempo) olhando as coisas na caixa e rindo da foto que tirara com o alemão dos cubos de gelo. Ele, assim como o pedaço do Muro de Berlim, não era tão impressionante quanto se lembrava. Então o telefone de casa tocou, despertando Cecília do passado, e ela se levantou rápido demais e bateu dolorosamente a lateral da cabeça no teto. As paredes, as paredes! Ela xingou, cambaleou para trás, e seu cotovelo esbarrou na torre de caixas de sapato de John-Paul.

Pelo menos três caíram, perdendo a tampa e o seu conteúdo, o que provocou uma pequena avalanche de papéis. Justamente por isso as caixas de sapato não eram uma boa ideia.

Cecília xingou de novo e esfregou a cabeça, que estava doendo mesmo. Deu uma olhada nas caixas de sapato e viu que todas tinham documentos financeiros dos anos 1980. Começou a enfiar a pilha de recibos numa das caixas quando bateu os olhos no próprio nome escrito num envelope comercial branco.

Ela o pegou e viu que era a letra de John-Paul.

Estava escrito:

Para minha esposa, Cecília Fitzpatrick

Para ser aberto apenas na ocasião da minha morte

Ela riu alto e então parou abruptamente, como se estivesse numa festa e risse de algo que alguém acabara de dizer, mas depois percebesse que não era uma piada, que, na verdade, era bem sério.

Leu outra vez — *Para minha esposa, Cecília Fitzpatrick* — e de um jeito estranho, apenas por um momento, sentiu as bochechas ficarem quentes, como se ela estivesse envergonhada. Por ele ou por ela? Não tinha certeza. Era como se ela tivesse tropeçado em algo vergonhoso, como se o tivesse flagrado se masturbando no chuveiro. (Miriam Oppenheimer certa vez pegara Doug se masturbando no chuveiro. Era *terrível* que todos soubessem disso, mas quando Miriam tomava a segunda taça de champanhe, os segredos simplesmente lhe escapavam, e uma vez sabendo disso, era impossível deixar de saber.)

O que a carta *dizia*? Considerou abri-la naquele segundo, antes que tivesse tempo para pensar, do mesmo modo como ela às vezes (não com muita frequência) enfiava o último pedaço de biscoito ou chocolate na boca, antes que sua consciência tivesse tempo de deter sua gula.

O telefone tocou de novo. Ela não estava de relógio e, de repente, sentiu que havia perdido completamente a noção do tempo.

Jogou o resto dos papéis na caixa de sapato e levou o pedaço do Muro de Berlim e a carta lá para baixo.

Assim que saiu do sótão, foi arrebatada pela usual correria da sua vida. Havia uma grande encomenda de Tupperware para entregar, tinha que ir buscar as meninas na escola, comprar peixe para o jantar (elas comiam muito peixe quando John-Paul viajava a trabalho, porque ele detestava), telefonemas a retornar. O sacerdote da paróquia, Padre Joe, estava ligando para lembrá-la de que no dia seguinte haveria o funeral da Irmã Ursula. Parecia haver certa preocupação quanto ao número de presentes. Ela iria, é claro. Deixou a misteriosa carta de John-Paul em cima da geladeira e deu a Esther o pedaço do Muro de Berlim logo antes de se sentarem para jantar.

— Obrigada. — Esther manuseava o pequeno pedaço de pedra com uma reverência tocante. — De que parte do Muro exatamente isso veio?

— Bem, acho que de perto do Checkpoint Charlie — respondeu Cecilia, com uma confiança alegre. Ela não fazia a menor ideia.

Mas posso lhe dizer que o garoto dos cubos de gelo usava uma camiseta vermelha e uma calça jeans branca, e pegou meu rabo de cavalo, segurou-o entre os dedos e disse: “Muito bonita.”

— Isso vale algum dinheiro? — quis saber Polly.

— Duvido. Como poderia provar que veio mesmo do Muro? — perguntou Isabel. — Parece apenas um pedaço de pedra.

— Teste de DMA — disse Polly. Ela estava assistindo à televisão demais.

— É DNA, não DMA, e só pode ser feito em pessoas — corrigiu Esther.

— Eu *sei* disso! — Polly viera ao mundo furiosa porque suas irmãs tinham chegado antes dela.

— Bem, então por que...

— E aí, quem vocês acham que vai ser eliminado do *The Biggest Loser* esta noite? — indagou Cecilia, ao mesmo tempo em que pensava: *Sim, quem quer que esteja observando a minha vida, estou desviando o assunto de um fascinante período da história moderna, que poderia de fato ensinar alguma coisa às minhas filhas, para um terrível programa de TV que não tem nada a ensinar para elas, mas que vai manter a paz e me poupar de uma dor de cabeça.*

Se John-Paul estivesse em casa, ela provavelmente não teria mudado de assunto. Era uma mãe muito melhor quando tinha uma plateia.

As meninas falaram sobre *The Biggest Loser* até o fim do jantar, enquanto Cecilia fingia estar interessada e pensava na carta que deixara em cima da geladeira. Depois de tirar a mesa e de as meninas terem ido assistir à TV, ela pegou a carta e a ficou encarando.

Pousou sua xícara de chá e ergueu o envelope contra a luz, rindo um pouco de si mesma. Parecia uma carta escrita à mão numa folha de caderno pautada. Não conseguiu decifrar uma palavra sequer.

Será que John-Paul tinha visto alguma coisa na TV sobre como os soldados no Afeganistão escreviam cartas para serem enviadas a suas famílias caso eles morressem, como mensagens do túmulo, e pensara que seria legal fazer algo parecido?

Ela não conseguia imaginá-lo fazendo uma coisa dessas. Era tão sentimental.

E ao mesmo tempo adorável. Se ele morresse, queria que elas soubessem quanto ele as amava.

...apenas na ocasião da minha morte. Por que ele estava pensando em morte? Estaria doente? Mas a carta parecia ter sido escrita muito tempo antes, e ele continuava vivo. Além disso, ele tinha feito um checkup havia poucas semanas, e o Dr. Kluger dissera que ele estava tão em “forma quanto um cavalo garanhão”. Ele passara os dias seguintes jogando a cabeça para trás e relinchando pela casa, com Polly nas costas, agitando um pano de prato acima da cabeça como se fosse um chicote.

Cecilia sorriu com aquela lembrança, e sua ansiedade se dissipou. Então alguns anos atrás, John-Paul fizera algo estranhamente sentimental e escrevera a carta. Não havia razão para ficar toda agitada, e é claro que ela não deveria abri-la só para matar sua curiosidade.

Olhou para o relógio. Quase oito da noite. Ele ligaria em breve. Em geral, ligava a essa hora quando estava viajando.

Ela nem mencionaria a carta para ele. Isso o deixaria constrangido, e não era um assunto que se devesse falar por telefone.

Só uma coisa: como exatamente ela deveria encontrar a carta se ele *tivesse* morrido? Ela poderia nunca encontrá-la! Por que ele não a deixara com seu procurador, o marido de Miriam, Doug Oppenheimer? Era tão difícil não imaginá-lo no chuveiro sempre que pensava nele. É claro que isso não interferia em nada nas suas habilidades como advogado; talvez dissesse mais a respeito das habilidades de Miriam na cama. (Cecilia mantinha uma relação um tanto competitiva com ela.)

Claro que, dadas as circunstâncias atuais, aquele não era o momento de se sentir convencida por causa de sexo. *Pare. Não pense na questão do sexo.*

De todo modo, tinha sido burrice de John-Paul não entregar a carta a Doug. Se ele tivesse morrido, ela provavelmente teria jogado fora todas aquelas caixas de sapato em um dos seus acessos de arrumação sem nem se preocupar em dar uma olhada no que havia dentro delas. Se ele queria que ela encontrasse a carta, era loucura jogá-la numa caixa de sapato qualquer.

Por que não deixá-la no arquivo, junto com as cópias do seu testamento, do seguro de vida e essas coisas?

John-Paul era uma das pessoas mais inteligentes que ela conhecia, exceto quando se tratava de logística da vida.

— Eu realmente não entendo como os homens conseguiram controlar o mundo — dissera ela para sua irmã, Bridget, naquela manhã, depois de lhe contar que John-Paul havia perdido a chave do carro que alugara em Chicago.

Cecilia ficara furiosa ao receber aquela mensagem de texto dele. Ela não podia fazer nada! Ele não esperava que ela fizesse alguma coisa, mas mesmo assim...

Esse tipo de coisa sempre acontecia com John-Paul. Na sua última viagem ao exterior, deixara o laptop num táxi. Ele vivia perdendo as coisas. Carteiras, telefones, chaves, a aliança. Seus pertences simplesmente fugiam dele.

— Eles são muito bons em construir coisas — disse a irmã. — Como pontes e estradas. Quer dizer, você seria capaz de construir ao menos uma cabana? Uma bem básica feita de barro?

— Eu conseguiria construir uma cabana — afirmou Cecilia.

— Provavelmente conseguiria mesmo — resmungou Bridget, como se isso fosse um defeito. — De todo modo, os homens não controlam o mundo. Temos uma primeira-ministra mulher. E é você quem controla o seu mundo. É você quem controla a família Fitzpatrick. A escola de St. Angela. E o mundo da Tupperware.

Cecilia era presidente da Associação de Pais e Amigos da Escola Fundamental de St. Angela. Era também a décima primeira melhor consultora da Tupperware na Austrália. Sua irmã achava esses dois títulos extremamente cômicos.

— Não controlo a família Fitzpatrick — reagiu Cecilia.

— Claro que não — zombou Bridget.

Era verdade que se Cecilia morresse a família Fitzpatrick ficaria... Bem, era insuportável pensar no que aconteceria. John-Paul precisaria de mais do que uma carta dela. Precisaria de um manual completo, incluindo uma planta baixa da casa indicando onde ficava a lavanderia e o armário de roupa de cama.

O telefone tocou e ela o agarrou na mesma hora.

— Deixe-me adivinhar: nossas filhas estão assistindo às pessoas gordas, não é? — disse John-Paul.

Ela sempre adorara a voz dele ao telefone: profunda, calorosa e reconfortante. Ah, sim, seu marido não tinha jeito, perdia coisas e se atrasava, mas cuidava da esposa e das filhas daquela forma antiquada, responsável e “eu sou o homem e essa é a minha tarefa”. Bridget estava certa: Cecília controlava seu mundo, mas ela sempre soubera que, se houvesse uma crise — um louco armado, uma enchente, um incêndio —, seria John-Paul que salvaria a vida delas. Ele se jogaria na frente da bala, construiria uma jangada, as conduziria em segurança pelo inferno e, depois que tivesse terminado, passaria o controle de volta para Cecília, bateria nos bolsos e perguntaria: “Alguém viu minha carteira?”

A primeira coisa que ela fez depois de ver o pequeno Homem-Aranha morrer foi ligar para John-Paul, os dedos tremendo ao apertar as teclas.

— Encontrei a carta — disse Cecília.

Ela deslizou a ponta dos dedos pela letra dele na frente do envelope. Assim que ouviu a voz do marido, soube que tocara no assunto com ele no mesmo instante. Eles estavam casados havia quinze anos. Nunca houvera segredos entre os dois.

— Que carta?

— Uma carta sua. — Cecília tentava soar leve, brincalhona, para que toda aquela situação ficasse na perspectiva certa, de forma que o que estivesse escrito na carta, fosse o que fosse, não significasse nada, não mudasse nada. — Para mim, para ser aberta caso você morresse.

Era impossível dizer as palavras “na ocasião da sua morte” para o marido sem que sua voz soasse estranha.

Houve um silêncio. Por um momento, ela achou que a ligação tivesse caído, mas dava para ouvir um leve ruído de conversa ao fundo. Parecia que ele estava ligando de um restaurante.

Ela sentiu seu estômago se contrair.

— John-Paul?